

# ASPECTOS POLÍTICOS NA OBRA DE LUIZ ANTÔNIO DE ASSIS BRASIL

Volnyr Santos  
Professor na PUCRS

As relações entre literatura e política não são muito claras. Guimarães Rosa, o notável escritor de *Grande sertão: veredas*, responsável por uma verdadeira revolução na língua e na literatura produzida no Brasil, disse certa vez, a propósito de uma entrevista a seu tradutor para o alemão: "Não faça política. Faça literatura". Ora, sabe-se que toda obra literária tem uma dimensão política, mormente quando seu objetivo não é a exploração de problemas específicos da política. No caso de Guimarães Rosa, acrescenta-se que o crítico Franklin de Oliveira considera *Grande sertão: veredas* uma obra de caráter político no seu mais extremado sentido, chegando a afirmar que o livro do grande escritor mineiro não pode ser absolutamente compreendido, caso se lhe negue a essencial dimensão revolucionária.<sup>1</sup>

Apesar da força da opinião expressa, não se pode negar que Guimarães Rosa, embora o mérito de sua produção, na realidade limitou sua consciência à área instrumental da obra, na medida em que, rejeitando a forma e a linguagem da sociedade estabelecida, contornou o problema, isolando a questão política.<sup>2</sup> Mas se em Guimarães Rosa o problema político reveste-se desse caráter negativo, recusando-se à persuasão, acrescenta-se mais uma variável ao problema, pois se sabe que, de todas as artes, aquela mais comprometida é justamente a literatura, porque utiliza o próprio instrumento de politização do homem que é a palavra. A noção de que há uma literatura apolítica na verdade é simplesmente um mito que estimula com maior eficiência o uso político da literatura.

1 OLIVEIRA, Franklin. "Instrumentalismo. A revolução rosiana". In: COUTINHO, Afrânio (org.) *A literatura no Brasil*. Rio. Ed. Sul Americana (sic), 1970.

2 LYRA, Pedro. *Literatura e ideologia*. Petrópolis. Vozes, 1979.

O peruano José Carlos Mariátegui, no livro *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, ao examinar os processos da literatura em povos de culturas transplantadas, diz que na produção literária de um povo há basicamente três períodos: um período colonial, um período cosmopolita e um período nacional. No primeiro estágio, um povo, literariamente, é uma colônia, uma dependência de outro. Durante o período cosmopolita, assimila simultaneamente elementos de diversas literaturas estrangeiras para, finalmente, atingir a sua personalidade e expressão nacional.<sup>3</sup>

Transferido o problema para a realidade brasileira, não é difícil verificar a adequação do pensamento do crítico peruano. O nosso passado colonial não revela ainda uma forma de consciência social das condições do momento histórico. Já a literatura que se produz dentro do período de autonomia política está marcada pelo cosmopolitismo, sofrendo influências estrangeiras marcantes, bastando lembrar de passagem, o indianismo que, embora manifestação do nacional, tem sua origem no pensamento francês. O caráter universalista da obra de Machado de Assis fez com que ele se voltasse para a paisagem humana de seu tempo, omitindo de seus livros a paisagem física. Para José Veríssimo, a obra machadiana seria distinta em qualquer literatura.

O equilíbrio entre personalidade e sentimento de que fala Mariátegui, circunstâncias que denotam o amadurecimento de uma literatura nacional, vai ocorrer a partir do momento em que a situação política gerada pela Revolução de 1930 provoca algumas conseqüências sociais que vão dar ao Brasil uma feição nova, gerando uma cultura nova que vai gerar uma nova realidade literária.

## II

Muitos dos princípios que determinam os procedimentos políticos são também válidos para a produção literária, conforme já disse Walter Benjamin. A partir de 1964, com a ascensão dos governos militares, o Brasil ingressa num processo de rápida modernização. Ocorre que esse avanço em direção à modernidade, fruto de uma política orientada num único sentido (classe

<sup>3</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo, Alfa-ômega, 1975.

dominante associada com os grandes grupos multinacionais), provocou, como não poderia deixar de ser, uma modernização dependente, já que os meios de produção permaneceram (e foram reforçados) sob a custódia dos segmentos internacionais dominantes. As contradições, portanto, foram reiteradas.

A literatura gaúcha também entrou nesse processo de modernização, dando curso às mesmas contradições que a estrutura social e econômica brasileira propunha. Os escritores gaúchos, no entanto, embora não fiquem alheios à realidade circundante, vão ter as suas próprias motivações. Escrevendo segundo aquela identidade de princípios e consciência de cultura já apontados por Mário de Andrade, os autores rio-grandenses vão construir um espaço literário no qual manifestam a permanente preocupação com a terra, com os costumes e com o social, vale dizer, com o político.

## III

A realidade literária do Rio Grande do Sul não difere da situação brasileira. Por suas características naturais, o estado gaúcho, de certo modo, influenciou sempre na política nacional, vivendo, como é lógico, situações culturais muito semelhantes. A literatura gaúcha, no entanto, sem deixar de lado o aspecto regional, sempre tratou de temas que a colocam num plano de permanente universalidade.

Não soa estranho, quando se faz referência ao fato de ser a ditadura um pesadelo constante para o homem latino-americano. Não é por outra razão que os escritores deste canto do continente freqüentemente recorrem à figura do ditador, registrando, pela via grotesca, a ação da tirania. Miguel Ángel Asturias, Augusto Roa Bastos, Gabriel Garcia Márquez, Alenjo Carpentier, todos eles romancistas, têm criado personagens carnavalizados, mostrando como se organizam as ditaduras que fazem com que a América Latina, como já a definiu antes Fernando Alegría, se caracteriza como uma espécie de caricatura da organização social européia.

Érico Veríssimo, o nosso grande romancista, iniciador de uma literatura que projetou o Rio Grande do Sul no cenário brasileiro, viu o problema da literatura sob a ótica do dominador, reproduzindo uma tradição que não se sustenta historicamente e que os vários escritores posteriores viriam retomar sob outro ângulo: Cyro Martins cunha a expressão "gaúcho a pé", simbolizando o gaúcho marginalizado e destituído de qualquer forma de poder.

A figura do ditador se faz de modo inteiro com *Tambores silenciosos*, de Josué Guimarães. O personagem central impõe uma forma de dominação caracterizada pelo autoritarismo, procedimento político que encontra res-

paldo em sociedades de pouca ou nenhuma experiência de participação política.

Vista no seu limite, a tirania de que fala Josué Guimarães não é invenção, não é nada mais do que uma aparência, é apenas uma criação da linguagem. Ocorre que a linguagem se dá mediante um intercâmbio com as condições de existência e consciência; ela propicia a produção material e também a produção espiritual. A literatura, porque recriação, é espelho e revelação. Desse modo, a liberdade artística recria o real através de uma língua que está carregada de história, desvendando as contrariedades.

#### IV

Trajano Henriques de Paiva, personagem central do romance *Bacia das almas*, de 1981, de Luiz Antônio de Assis Brasil, é identificado no livro como um homem mau, tirano e corrupto. Pode-se afirmar com segurança que Trajano é uma criação literária. Mas Trajano Rodrigues de Paiva é também um tipo humano que determinou, durante muito tempo, os rumos da economia e da política rio-grandense. Agindo autoritariamente, satisfaz os seus interesses pessoais que, de resto, correspondem aos objetivos maiores da classe dominante.

Dentro desse mesmo espírito, nota-se o questionamento crítico que Assis Brasil faz da realidade histórica gaúcha com o seu primeiro romance *Um quarto de légua em quadro*, de 1976. A propósito do hipotético diário do Dr. Gaspar de Fróis, encontrado casualmente, Assis Brasil revisa a colonização açoriana do Rio Grande do Sul, pondo em xeque a política oficial do povoamento da região, mostrando-a precária e imperfeita, já que os imigrantes que aqui chegavam não possuíam as mínimas condições de inserção na nova terra.

A mesma preocupação crítica vai orientar a feitura de seu romance *A prole do corvo*, de 1978, apresentando uma visão nada lisonjeira da Guerra dos Farrapos, mostrando-a como uma manifestação de caráter econômica e destituída, portanto, de heroicidade apregoada pela história oficial.

Sabemos todos que a leitura constrói um espaço de valores contaminado pela consciência de quem escreve. Se isso é verdade, é preciso então ver as motivações que determinaram o próprio texto, na medida em que circunstâncias sociais, estéticas e culturais condicionaram a obra.

Com *Um quarto de légua em quadro*, *A prole do corvo* e *Bacia das almas*, Assis Brasil completa um quadro literário denominado de "trilogia dos mitos rio-grandenses". Que mitos são esses? O primeiro seria, digamos, o "mito da origem", representado pelo início da colonização no sul do Brasil,

no século XVIII. Ocorre que, chegados aqui, os casais de açorianos se depararam com uma realidade concreta, que é o fato de as terras prometidas estarem ocupadas pelos índios guaranis, aldeadas pelos jesuítas em torno dos Sete Povos. Não seria forçado relacionar esses fatos, ainda que noutra perspectiva, aos permanentes conflitos sociais que se dão pela ocupação do espaço no Rio Grande do Sul. Como os casais açorianos do início da colonização, também (e ainda hoje) os colonos sem-terra alimentam a desesperança, deixando de lado a idealização.

A desmistificação dos heróis farroupilhas, a começar por Bento Gonçalves, é outro indício de que a obra de Luiz Antônio de Assis Brasil, muito mais do que uma preocupação com a literatura, busca outros valores. A importância da obra literária não se dá no modo de sua realização histórica, mas na medida em que ela se relaciona com uma consciência. Isso significa que a solução de problemas de qualquer natureza passa (também) pela arte.

Com *Bacia das almas*, o político se dá pela atitude crítica de Assis Brasil, mediante a recriação do passado rio-grandense sob a dominação de Borges de Medeiros, período no qual todos são vítimas do despotismo que caracterizou a ação desse famoso político gaúcho. Com o livro, Assis Brasil indica ao leitor os vários níveis de atuação da ideologia dominante, provocando uma fratura nessa ideologia. É sintomático que, no final do romance, Trajano é publicamente desmoralizado. Que é isso senão a negação de um momento da história rio-grandense - localizado no passado, é verdade -, mas muito presente, quando se pensa que, muito além da narrativa, em nome de objetivos nacionais, se institucionalizou a violência e o desmando. Em *Bacia das almas*, o problema da tirania transparece, remetendo, pela semelhança de atitudes, a aspectos da realidade social brasileira num dado momento de sua história recente.

#### V

Com o romance *Manhã transfigurada*, de 1982, Assis Brasil aparentemente abandona a preocupação com o questionamento da realidade política gaúcha, para se fixar no drama pessoal de Camila, personagem que, pateticamente, assume uma paixão impossível. Ambientado na freguesia de Vião, no início do século XVIII, o livro recompõe a tragédia que envolve esse amor impossível.

A história de Camila, no entanto, embora a preocupação do Autor na elaboração da linguagem, esconde (ou revela?) outro problema de ordem política que é a questão feminina. Normalmente visto como uma manifestação de caráter superficial, o feminismo, na sua essência, está ainda por fazer-

se. Não é estranho a ninguém que, ainda hoje, a mulher se ressentida de sua condição. Por isso, o romance *Manhã transfigurada*, ao contar a história de uma mulher que enfrenta as convenções morais, sociais e religiosas, apresenta-se como uma atitude política. Não é demais lembrar que a mulher, ainda agora, através da pressão econômica, permanece subjugada, seja pela desigualdade salarial em relação ao homem, seja pela estereotipagem superficial que dela faz a sociedade.

Com *O homem amoroso*, de 1986, mais uma vez Assis Brasil se volta para a questão do poder. Pretextando narrar a história de Luciano, um violoncelista alterado emocionalmente, o romancista incursiona pela linha política, aproximando as relações conflitantes entre os músicos de uma orquestra e sua administração, circunstância que pode ser vista como uma metáfora dos choques que se deram, no Brasil, durante o período de arbítrio, entre o povo e o governo.

O passado rio-grandense vai ser motivo de outro romance: *As virtudes da casa*, de 1986. Só que, agora, Assis Brasil explora o drama humano de uma classe social, no caso, o patriarcado rural, com o objetivo de repensar a realidade gaúcha e brasileira. Estilizando o mito de Agamênon, Assis Brasil recompõe a clássica tragédia de Ésquilo, trazendo-a para o espaço rural gaúcho.

Mas não é só o tema da tragédia familiar que faz a aproximação do romance ao texto grego. A exemplo de Ésquilo, que via no Estado uma federação de famílias de origem comum, ligadas ao culto dos mesmos deuses, também Assis Brasil, apoiando-se nessa visão confusa do Estado, mostra como, no século XVIII gaúcho, o homem estava integrado no mesmo ideal, circunstância que abrangia a família e a política. Não é aleatório o fato de que, morto o patriarca Baltazar Antão (mesmo que para satisfazer os desejos da mulher Micaela), a filha Isabel consegue dissimular o crime, praticado em conluio com a mãe, com o objetivo de preservar a honra familiar, dado que não só recompõe o universo doméstico, mas com o destino de toda a coletividade da qual não só Micaela, a esposa adúltera, a filha Isabel e o filho Jacinto faziam parte. Vale dizer: com todo o conjunto representado pelo patriarcado rural.

Desse modo, o livro *Virtudes da casa*, em que pese a aparente dissociação com a realidade objetiva, evidencia o problema de pôr em questão as estruturas aparentemente estáveis, mas que na realidade estão na origem das grandes dificuldades por que passa hoje o Brasil no que se refere à questão agrária.

Com o romance *Cães da província*, de 1987, Assis Brasil se fixa num aspecto fundamental: as relações entre a loucura e a civilização. Refazendo a vida do cidadão José Joaquim de Campos Leão ou, simplesmente, Qorpo-Santo, personagem que viveu na Porto Alegre do século XIX, um misto de professor, subdelegado de polícia e teatrólogo, Assis Brasil traz para a ficção

o problema do indivíduo em choque com a sociedade. Qorpo-Santo é doido, mas a sua insanidade traduz uma forma de consciência social que resulta na proposição de valores para as quais a própria sociedade (leia-se: Porto Alegre) não se achava preparada.

No momento em que as sociedades mais desenvolvidas propõem a extinção dos espaços psiquiátricos, buscando uma nova relação entre a civilização e a loucura, circunstância que Michel Foucault já antecipa em sua obra, pode-se dizer que aí talvez se encontre a causa dos equívocos sociais. Não é por outra razão que Adorno entende que, na crise entre indivíduo e sociedade, essa mesma sociedade se realiza em detrimento do indivíduo, sacrificando-o em nome do social, acrescentando que, enquanto o sacrifício implicar a antítese entre indivíduo e coletividade, o engano estará objetivamente implícito no sacrifício.

O movimento místico-religioso dos *muckers* vai ser o núcleo do romance *Videiras de cristal*, de 1990. Na localidade do Padre Eterno, hoje Sapiranga, proximidades de Porto Alegre, viviam os colonos alemães e seus descendentes os quais não recebiam assistência social ou financeira do governo. Entre eles, João Jorge Maurer, carpinteiro, lavrador e analfabeto; curandeiro, depois de ter ouvido vozes que lhe deram esse dom. Era auxiliado por Jacobina Maurer, sua mulher, que sofria de crises epilépticas a que se seguiam longos períodos de letargia, fato que gerou a crença de que ela possuía poderes extraordinários. Afirmando-se como encarnação de Cristo, Jacobina acaba atraindo para a casa dos Maurer a gente crédula que, aos poucos, começa a se constituir num grupo expressivo. Organizando-se como um povo isolado, os *muckers* se identificam pela motivação religiosa, são agredidos, agridem, enfrentam o poder constituído e são exterminados pelas forças do Exército.

Do ponto de vista da construção literária, Assis Brasil faz uma recuperação artística da História. Mas escrever uma história corresponde a organizar um relato no qual, quase sempre, se distribuem valores eleitos sob critério muitas vezes subjetivos.<sup>4</sup> No caso de Assis Brasil, o que ocorre é tentativa de atualizar um fato passado que, rigorosamente, só tem valor porque ainda é atual. Dizendo de modo diferente: não estamos lendo apenas o passado, mas sobre o advento de sentido que vem do passado.<sup>5</sup>

Visto sob essa perspectiva, *Videiras de cristal* se constitui numa proposta de utopia. Sabe-se que, como projeção do futuro, o pensamento utópico traz em si a crítica da ordem real existente e, ao mesmo tempo, uma ordem alternativa que já se apresenta como irrealizável na sua plenitude. Para os colonos alemães, a utopia não significava a confluência de forças voltadas

4 LUCAS, Fábio. *Vanguarda, História e Ideologia da literatura brasileira*. São Paulo. Icone, 1985.

5 Idem, *ibidem*.

para ordem social, pois, enquanto Jacobina acenava com uma vida plena de felicidade no outro mundo, aqui neste mesmo mundo os **muckers** eram dizimados.

## VI

A atitude política pode ser explícita e até ingênua. No caso da obra de Luiz Antônio de Assis Brasil, não há dúvida de que seus livros vêm construindo um painel significativo da cultura gaúcha e brasileira, propondo uma retomada da forma como, até então, se olhava a literatura feita neste canto do Brasil. É uma atitude corajosa, porque política. Mas é também uma atitude sincera, porque entende que a literatura pode ajudar, objetivamente, (por que não?) na reconstrução cultural (e social) do país.

Para o romancista, a obra literária é uma forma mitológica com a qual ele mostra a sua verdade. O escritor não é obrigado a provar algo ou a demonstrar teses, mas a oferecer uma **significação** a qual, segundo Ernesto Sábato, nos impele para a vida na realização de nosso destino.

O contraponto: uma revista nacional, em edição anterior, registra a foto do presidente brasileiro, descendo a rampa do Planalto, acompanhado do escritor Paulo Coelho. Sob o braço do presidente, visível, um exemplar de uma das obras do citado escritor. A notícia transcreve a opinião do presidente, naturalmente evidenciando a importância dos livros de Paulo Coelho: não só uma equivocada opinião literária, mas a afirmação (e valorização) de uma literatura que se desliga do sentido da vida e nega qualquer compromisso com a realidade que deveria privilegiar. Não se pode esquecer que a leitura tem íntima relação com as situações existenciais (e sociais) do homem. Na medida em que nos afastamos de nossa própria circunstância, mais descolorida, impessoal e mecânica se torna a vida. Uma atitude política.